

HUMANISMO E MORALIDADE NO PENSAMENTO DE SARTRE

Angélica Silva Costa¹
Prof. Dr. Simeão Donizeti Sass²

RESUMO

Este artigo busca mostrar as questões apresentadas a partir do existencialismo sartreano o qual apresenta uma radicalização do humanismo em oposição às concepções tradicionais atribuídas ao homem. A partir dessa caracterização, é fundamental reconhecer que as noções de liberdade, escolha e responsabilidade se apresentam como ponto-chave para a fundamentação de uma moral da ação. A compreensão da realidade humana e da moral existencialista impõe a necessidade de se pensar uma literatura engajada, pois para Sartre, assumir sua época significa engajar-se, escolher um projeto, agir autenticamente, e, especificamente, com a escrita através da literatura. Neste sentido, a literatura como produção humana é apelo de uma liberdade a outras liberdades, é o desvendar de uma situação, é o modo pelo qual o homem toma consciência de si. Se, para o filósofo escrever é agir, a tarefa da literatura comprometida é a efetivação da eticidade pela práxis a qual nos evidencia o caráter eminentemente prático do conhecimento humano.

Palavras-chave: Liberdade, Responsabilidade, Moralidade, Literatura Engajada.

RESUMÉ

Cette article cherche à montrer que les implications des questions de l'existentialisme sartrien présentent une radicalisation de l'humanisme qui s'oppose à la conception de celui traditionnel attribué à l'homme. En étant ces questions radicalisées, c'est essentiel de reconnaître que les notions de liberté, de choix et de responsabilité se définissent comme des mots fondamentaux pour l'interprétation d'une morale qui se base dans l'action. La compréhension de la réalité humaine et de la morale existencialiste impose le besoin de réfléchir sur la littérature engagée. Puisque, pour Sartre, s'engager dans une époque est à la fois choisir un projet, être authentique, et écrire par la littérature. C'est dans ce sens-là, qu'on peut dire que la littérature, en tant qu'une réalisation humaine est appel d'une liberté vers les autres libertés. Si l'on peut dire que, pour le philosophe, écrire c'est agir, la tâche de la littérature engagée c'est la réalisation de l'action par la *praxis* qui nous rend claire le caractère éminemment pratique de l'éthique humaine.

Mots clé: Liberté, Reponsabilité, Moralité, Littérature engagée.

¹ Acadêmica do Curso de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia. Endereço: R. João Pereira da Silva nº 311, Apto 02, Santa Mônica, CEP:38408198, Uberlândia- MG. Fone: (0xx34) 9139-1875
E-mail: angelicascosta261@hotmail.com

² Professor Doutor em Filosofia. Professor adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia. Endereço: Av. João Naves de Ávila, 2121 Bloco U, sala: 130 . CEP: 38400-902 , Fone: (0xx34) 3239-4185 E-mail: sdo@netsite.com.br.

INTRODUÇÃO

O existencialismo sartreano apresenta-nos uma radicalização do humanismo em oposição às concepções tradicionais do homem. A compreensão da condição humana impõe-nos a necessidade de pensar as noções de liberdade, responsabilidade, ação e, conseqüentemente, uma moral existencialista. Isso ocorre à medida que Sartre critica a idéia de natureza humana, promovendo a ruptura com as idéias gerais e abstratas atribuídas à realidade do homem e, portanto, a imposição de uma “moral consoladora”³.

Desse modo, na conferência *O Existencialismo é um Humanismo*, de 1946, encontramos o núcleo da perspectiva filosófica e humanista do pensamento sartreano. Ao afirmar a precedência do existir em relação à essência, o filósofo estabelece a primeira máxima existencialista: “o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e só depois se define” (SARTRE, 1978, p. 12).

Em consonância com o existencialismo ateu, o filósofo parte do princípio de que se Deus não existe é possível encontrar pelo menos um ser no qual “a existência precede a essência”, um ser que anterior a qualquer definição religiosa ou metafísica exista no mundo: tal ser é o homem. Assim, afirma que não há nenhum destino ou propósito exterior à realização humana, isto é, o homem é um *ser-no-mundo*, cuja característica primordial é a liberdade.

Com isso, Sartre pretende despir toda a espécie de moralidade “consoladora”, o que resulta na conseqüente responsabilidade e posicionamento ético que o homem deve assumir. Observa-se, essa crítica às teorias que postulam determinadas referências fixas (a existência divina como encontramos em *O existencialismo é um humanismo*, por exemplo) como orientadoras das ações o que nos evidencia implicações extremadas, principalmente, em relação ao humanismo e a moral.

De acordo com a teoria existencialista, somos incondicionalmente livres, sós e sem desculpas. Uma vez destituídos de essência, o homem deve se fazer, criar a si mesmo, isto é, a cada momento o ser humano requer uma nova escolha e o conjunto de ações define o seu projeto existencial. Somos nós quem

³ (Cf. BEAUVOIR, S. 2005, p.14). “Essa expressão denuncia às perspectivas morais que pressupõe uma referência exterior a realidade humana cuja função seria a de regular o plano das ações. A título de exemplo podemos citar a noção de Bem no platonismo e o imperativo categórico em Kant. Em outras palavras, a idéia de ‘moral consoladora’ remete aos subterfúgios transcendentais e substancialistas presentes na história do pensamento”.

criamos a nossa imagem e os nossos valores, pois antes de alguém viver, a existência não é nada. O ser humano é o único responsável por dar sentido e atribuir valores a sua própria existência, os quais serão os resultados das escolhas. Dessa forma, a teoria existencialista afirma que o homem não é definível, pois, inicialmente, não é nada; só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que fizer de si mesmo⁴.

Para Sartre, o homem existe e tem consciência de sua existência, ou seja, ele é um ser que se lança para as coisas do mundo, projeta-se para o futuro, e, conseqüentemente, é a própria consciência do processo de fazer-se.

“Neste sentido se pode dizer que a realidade humana é antes um realizar-se do que algo de dado. Precisamente porque esse processo de realização é consciente, porque o sujeito é consciente de si como de algo que ele ainda não é, mas que precisa vir-a-ser, porque, não sendo determinado, esse sujeito tem de inventar a cada momento o seu ser, isto é, o significado que julga dever atribuir ao fato de existir, por tudo isso é que esse processo de tornar-se sujeito pela sucessão de suas escolhas estará sempre na dependência de um projeto existencial pautado por escolhas morais”. (LEOPOLDO E SILVA, 2005, p. 12).

O existencialismo sartreano coloca ao homem que não há outro legislador a não ser ele mesmo e, no

“desamparo⁵” é que este decidirá sobre si; obviamente não se voltando apenas para si mesmo, mas procurando uma meta fora de si realizar-se-á precisamente como ser humano no mundo. Posicionamento que evidencia a contraposição frente ao “quietismo⁶” de modo que o filósofo coloca-nos a importância fundamental das ações humanas⁷.

“O homem é não apenas como ele se concebe, mas como ele quer que seja, como ele deseja ao impulso para existência; ou seja, o homem não é nada mais o que ele faz, não é mais do que seu ato. O homem nada mais é do que o seu projeto; só existe na medida em que se realiza; não é nada além do conjunto de seus atos”. (SARTRE, 1978, p.13).

Essas características propriamente humanas são fundamentais para justificar a articulação entre a questão ética e a condição humana. A preocupação do filósofo é de que o homem diante de suas inúmeras escolhas assuma a responsabilidade de uma opção. Isto é,

⁵(Cf. SARTRE, 1978, p.12). “A partir do momento em que as possibilidades que estou considerando não estão diretamente envolvidas em minha ação, é preferível desinteressar-me delas, pois nenhum Deus, nenhum desígnio poderá adequar o mundo os seus possíveis à minha vontade”.

⁶(Cf.SARTRE, 1978, p.13). “O quietismo é a atitude daqueles que dizem: os outros podem fazer o que eu não posso. A doutrina que lhes estou apresentando é justamente o contrário do quietismo, visto que ela afirma: a realidade não existe a não ser na ação”.

⁷(Cf.BEAUVOIR, 2005, p.20). “... porque o homem está desamparado sobre a terra que seus atos são engajamentos definitivos, absolutos; ele carrega a responsabilidade de um mundo que não é a obra de uma potência estrangeira, mas dele mesmo, e no qual se inscrevem tanto suas derrotas como suas vitórias”.

⁴ (Cf. SARTRE, 1978, p.6) “O homem, tal como o existencialista o concebe, só não é passível de uma definição porque, de início, não é nada”.

como afirma Sass (2006, p. 78): “Toda ação é uma tomada de posição individual, uma escolha e uma decisão”. Isto significa que cada ato projetado e feito com total consciência é de inteira responsabilidade de quem o faz. Em cada momento, diante das escolhas que faz, o homem torna-se não só responsável por si, mas envolve toda humanidade e ao escolher atua e afeta o mundo. Afinal, cada escolha posta em ação provoca mudanças não só naquele que age, mas algo ainda maior que é provocar mudanças no mundo e, uma vez realizadas, não podem ser desfeitas. Isto evidencia-nos que a única coisa que define o homem é o seu ato; ato livre por excelência, independente do fato de que o homem esteja determinado, por um destino ou algo supra-sensível. Desse modo, o homem, completamente envolvido no processo histórico através de suas escolhas e ações, compromete igualmente a humanidade; não importa o que faça, é sempre inadmissível não assumir a sua responsabilidade.

Como o existencialismo sartreano apresenta-nos uma nova configuração do homem, é necessário enfatizar que juntamente com tal processo há uma inovação no que se refere ao campo da moralidade. Em *O Ser e o Nada*, Sartre apresenta-nos, nas palavras finais, a

promessa de uma obra sobre a moral⁸, algo que não aconteceu de fato. Apesar da ausência de uma obra específica sobre a ética, isso não nos impede de considerar e apreciar o existencialismo sartreano como uma verdadeira moral da ação. Pode-se observar que a radicalização filosófica apresentada pelo pensamento sartreano permite-nos considerar uma moralidade articulada em torno das noções de liberdade, escolha, ação e responsabilidade.

1-A RADICALIZAÇÃO DO HUMANISMO

1.1-A fundamentação existencialista do homem

Num ambiente formado entre argumentos filosóficos sobre questões fundamentais como: o homem, a política, entre outros a moralidade; Sartre exerce o papel de intelectual engajado, isto é, “homem de letras” que não se furta a usar de seu reconhecimento para agir sobre seu tempo em oposição às diversas forças intelectuais desejosas, cada qual à sua maneira, de assumirem o controle da juventude e atirá-la aos seus respectivos aparelhos.

⁸ (SARTRE, 1998, p. 765). “Todas essas questões, que nos remetem a reflexão pura e não cúmplice, só podem encontrar a sua resposta no terreno da moral. A elas dedicaremos uma próxima obra”.

Em resposta às principais correntes de pensamento daquela época, o filósofo, através da conferência *O Existencialismo é um Humanismo* rebate à violenta campanha depreciativa da qual foi objeto.⁹ Ao defender o existencialismo ateu, refuta¹⁰ aqueles que consideravam-no pessimista (católicos, comunistas e marxistas) e apresenta para o público leigo as principais teses antropológicas do existencialismo e, conseqüentemente, busca esclarecer a todos o seu inovador caráter humanista.

“De qualquer modo, o que podemos desde já afirmar é que concebemos o existencialismo como uma doutrina que torna a vida humana possível e que, por outro lado, declara que toda verdade e toda ação implicam um meio e uma subjetividade humana”. (SARTRE, 1978, p.03).

Ao distinguir as principais vertentes do existencialismo (cristão e ateu) em voga¹¹, Sartre esclarece os

⁹ (Cf. SARTRE, 1978, p.03). “Na perspectiva cristã, somos acusados de negar a realidade e a seriedade dos empreendimentos humanos, já que, suprimindo os mandamentos de Deus e os valores inscritos na eternidade, resta apenas a pura gratuidade; cada qual pode fazer o que quiser, sendo incapaz, a partir do seu ponto de vista, de condenar os pontos de vistas e os atos alheios. Tais são as várias acusações a que procuro hoje responder e a razão que me levou a intitular esta pequena exposição de: ‘O existencialismo é um Humanismo’”.

¹⁰(Cf. SARTRE, 1978, p.04). “Será que no fundo, o que amedronta na doutrina que tentarei expor não é o fato de que ela deixa uma possibilidade de escolha para o homem?”.

¹¹ Cf. SARTRE, 1978, p.04. “O que torna as coisas complicadas é a existência de dois tipos de existencialistas: por um lado, os cristãos - entre os quais colocarei Jaspers e Gabriel Marcel, de

principais conceitos da corrente existencialista a partir da exposição das implicações antropológicas que se pautam na promoção da subjetividade, do projeto, da ação, da liberdade e da responsabilidade. Conseqüentemente, mediante a tal esclarecimento, evidenciamos a importância fundamental da liberdade e das ações humanas. Ao defender a corrente existencialista que está intimamente ligada a uma filosofia da ação e à questão do otimismo, rebate o quietismo e, simultaneamente, remete suas reflexões ao âmbito moral.

Ao criticar a idéia de natureza humana, promove a ruptura com as idéias gerais e abstratas atribuídas à realidade do homem e, portanto, rompe com a imposição de uma “moral consoladora¹²”. Isto é, Sartre pretende despir toda a espécie de moralidade que resulte na conseqüente responsabilidade e posicionamento ético que o homem deve assumir perante a realidade. Tal ruptura com as teorias que postulam determinadas referências fixas (a existência divina, por

confissão católica – e, por outro, os ateus - entre os quais há que situar Heidegger, assim como os existencialistas franceses e eu mesmo”.

¹² Cf. BEAUVOIR, S. 2005, p.14. Essa expressão denuncia às perspectivas morais que pressupõe uma referência exterior a realidade humana cuja função seria a de regular o plano das ações. A título de exemplo podemos citar a noção de Bem no platonismo e o imperativo categórico em Kant. Em outras palavras, a idéia de “moral consoladora” remete aos subterfúgios transcendentais e substancialistas presentes na história do pensamento.

exemplo) como orientadoras das ações, evidencia-nos implicações extremadas, principalmente, no que tange ao humanismo e a moral. Afinal, retira qualquer possibilidade de justificativa que esteja pautada no transcendente, o que significa que coloca ao homem como único legislador e responsável por suas escolhas, atos e conseqüências.

No entanto, para o existencialismo o homem não é definível, pois, em primeiro lugar, ele não é nada. Assim, se não há natureza humana ou substancialidade (a idéia de alma do cristianismo e o cogito cartesiano, por exemplo), uma vez que não existe Deus para concebê-la, podemos dizer então que o “homem é, não apenas como ele se concebe, mas como ele quer que seja, como ele se concebe depois da existência, como ele se deseja após este impulso para a existência; o homem não é mais o que ele faz”. (Sartre, 1978, p.13).

Assim, para Sartre, o primeiro princípio do existencialismo consiste no reconhecimento do primado da existência sobre a essência. O homem existe e tem consciência de sua existência, ou seja, ele é um ser que se lança para as coisas do mundo, do futuro, e, por conseguinte, é a própria consciência deste processo de vir-a-ser. Essa atividade peculiarmente humana de ejetar-se para o futuro nada mais é que o projeto.

“[...] O homem é, um projeto que se vive a si mesmo subjetivamente ao invés de um musgo, podridão ou couve-flor; nada existe antes desse projeto; não há nenhuma inteligibilidade no céu, e o homem será apenas o que ele projetou ser”. (SARTRE, 1978, p.6).

Essas características próprias da condição humana são fundamentais para justificarmos a necessidade do homem comprometer-se com o seu tempo, ou seja, a fundamental importância da noção sobre liberdade, responsabilidade e das conseqüências morais para a humanidade.

1.2-Implicações Morais do Humanismo Sartreano

O pensamento sartreano tem como princípio colocar todo homem na posse daquilo que ele é, isto é, submetê-lo à responsabilidade total de sua existência. O que não se refere a uma restrita individualidade, mas a uma dimensão universal que se resume na responsabilidade por todos os demais homens.

Se a “existência precede a essência”, podemos dizer que o homem é senhor de si mesmo e de sua própria existência, sendo assim ele é responsável por aquilo que é. Isto evidencia a todos que a liberdade é inerente à condição humana. O que significa que não há nenhum destino ou propósito exterior à realização humana.

Quando o existencialismo traz a perspectiva de que o homem escolhe a si mesmo, quer dizer que cada um de nós se escolhe, ou seja, escolhendo-se, ele escolhe todos os homens. Não há um único de nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não esteja criando, simultaneamente, uma imagem do homem tal como julgamos que ele deva ser. A escolha é a afirmação do valor daquilo que se escolhe, pois não se pode nunca escolher algo mal; ou melhor, o que se deve escolher é sempre o bem e nada podem ser bom para um homem sem o ser para todos.

Desse modo, a teoria existencialista comprova que somos incondicionalmente livres, somos um lançar para fora de si, sós e sem desculpas. Uma vez destituído de essência, o homem deve se fazer, criar a si mesmo, isto é, a cada momento o ser humano requer uma nova escolha e o conjunto de ações define o seu projeto existencial. Somos nós quem criamos a nossa imagem e os nossos valores, pois antes de alguém viver, a existência não é nada.

A partir disso, é importante destacar que o processo de escolha do homem envolve toda a humanidade, ou seja, ao agirmos livremente significa que nenhuma de nossas ações pode ocorrer sem o nosso comprometimento com

todos, enfim, o ato individual necessariamente envolve toda a humanidade. Nesta relação entre as escolhas individuais e suas implicações, especialmente, no âmbito da moral é que certamente está a questão do engajamento¹³.

“O homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas aquele que escolheu ser, mas também um legislador que escolhe simultaneamente a si mesmo e a humanidade inteira, não consegue escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade”. (SARTRE, 1978, p.7).

Por ora, faz-se necessário esclarecer que o engajamento se constitui como um projeto existencial no qual cada ato livre é uma adesão completa à humanidade, ou seja, para o homem, o engajar é assumir-se como um ser inacabado que encontra nas relações humanas e no mundo a direção e significado para a sua existência. Neste sentido, o existencialismo sartreano traz à tona a ambigüidade do homem, até então, não inseridas pelas correntes otimistas: o êxito e o fracasso humanos. Dessa forma,

¹³ (Cf. SARTRE, 1978, p.6). “Escolher isto ou aquilo é afirmar, concomitantemente, o valor do que estamos escolhendo, pois não podemos nunca escolher o mal; o que escolhemos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos. [...] Portanto, a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois ela engaja a humanidade inteira.”.

é inevitável a abordagem de temas como a angústia e o desamparo¹⁴.

Sartre diz que estamos desamparados, o que representa voltar à afirmação inicial do existencialismo ateu e dar ênfase à concepção de que se Deus não existe, com ele desaparece toda a possibilidade de se achar valores num céu inteligível. O que significa que não é possível atribuímos a responsabilidade a nenhuma força externa ao homem, pois tal força não existe - o que implica na total responsabilidade humana perante sua liberdade.

Neste contexto, o homem ciente de sua finitude, receia ser livre e tal responsabilidade torna-se geradora da angústia, pois cada indivíduo está pronto a escolher, não só para si como também para a humanidade, isto é, ninguém escapa a tal situação. Assim, a angústia se relaciona diretamente com as escolhas e, por conseguinte, com as nossas ações - algo completamente diverso da apatia e do quietismo.

Tudo isso remete ao fato de que estamos, portanto, somente entre homens, e na certeza do desamparo, podemos constatar que a conseqüência disso é a ausência de determinações, ou seja,

concluimos que se o homem está sem apoio e desprovido de valores universais; está lançado no mundo sem nenhuma moral geral¹⁵ ou transcendente e, cabe ao mesmo apontar o que deve ser feito.

“Assim, não temos nem atrás de nós, nem diante de nós, no domínio luminoso dos valores, justificações ou desculpas. Estamos sós e sem desculpas. É o que traduzirei dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre porque, uma vez lançado no mundo, é responsável por tudo quanto fizer”. (SARTRE, 1978, p.6).

Dessa forma, o existencialismo sartreano coloca-se contra o quietismo exatamente pela forma com que considera as ações individuais; não temos outra maneira de enfrentar a realidade, senão ao agirmos, e, ninguém escapa a tal situação. Ora, se o homem não agisse, não concretizaria a sua existência, não participaria efetivamente da história: “Só há realidade na ação” (SARTRE, 1978, p.12).

Conseqüentemente, cabe-nos destacar a noção de má-fé. Conforme a filosofia existencialista, toda tentativa de se abster do exercício da liberdade, da escolha e de agir autenticamente, pode ser considerada como uma atitude de má-fé

¹⁴ (Cf. SARTRE, 1978, p.8). “Quando falo em desamparo, expressão cara de Heidegger, queremos simplesmente dizer que Deus não existe e que é necessário levar esse fato às suas últimas conseqüências”.

¹⁵(Cf. SARTRE, 1978, p.11). “Assim vindo procurar-me, ele sabia a resposta que eu lhe daria, e eu só tinha uma única resposta: você é livre; escolha, isto é, invente. Nenhuma moral geral poderá indicar-lhe o caminho a seguir; não existem sinais no mundo”.

“Se definimos a situação do homem como uma escolha livre, sem desculpas e sem auxílio, todo homem que se refugia na desculpa, que inventa um determinismo é um homem de má-fé”. (SARTRE, 1978, p.19).

Em *O Ser e o Nada*, Sartre oferece o exemplo do homem que “brinca” de ser o garçom e através desse exemplo trata sobre a má-fé, que nada mais é que a redução da liberdade, da escolha e do compromisso a um conjunto de ações predeterminadas.

Sartre não pretende propor uma máxima para orientar as ações humanas, o que ele faz é retirar do homem as máscaras e deixá-lo diante de suas próprias possibilidades. Os homens não nascem alienados, fracos, covardes, etc na verdade, o homem se torna fraco ou alienado. Só nos efetivamos como alienados, fracos ou covardes porque escolhemos sê-los através do conjunto de nossas ações.

É neste ínterim que podemos iniciar a discussão sobre uma ética da responsabilidade, afinal, não há natureza humana que nos faça sermos alienados ou fracos, mas sim o conjunto de nossos atos, pois somos o que fazemos de nós mesmos, ou seja, somos definidos pelo modo como atuamos no mundo.

2-LIBERDADE E

RESPONSABILIDADE: Uma Questão De Compromisso Social

2.1- Liberdade ou Realidade Humana?

“[...] Dostoievski escreveu: “Se Deus não existisse, tudo seria permitido”. Eis o ponto de partida do existencialismo, De fato, tudo é permitido se Deus não existe, e, por conseguinte o homem está desamparado porque não encontra nele próprio nem fora dele nada a que se agarrar. Para começar, não encontra desculpas. Com efeito, se a existência precede a essência, nada poderá jamais ser explicado por referência a uma natureza humana dada e definitiva; ou seja, não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade”. (SARTRE, 1978, p.9).

Quando Sartre insere o princípio de seu pensamento sobre a precedência do existir em relação à essência, quer dizer que a realidade humana se define exatamente no curso de sua existência, pois não há qualquer essência na qual essa definição esteja antecipada de modo determinado. Cabe ao homem, unicamente, construir sua essência¹⁶.

¹⁶ (Cf. *O Ser e o Nada*, 1998, p.548) “A realidade humana não poderia receber seus fins, como vimos, nem de fora nem de uma pretensa “natureza” interior. Ela os escolhe e, por essa mesma escolha confere-lhes uma existência transcendente como limite externo de seus projetos. Desse ponto de vista - e se compreendemos claramente que a existência do *Dasein* precede e comanda sua essência - , a realidade humana, no e por seu próprio surgimento, decide definir seu ser próprio pelos seus fins. Portanto, é o posicionamento de meus fins últimos que caracteriza meu ser e identifica-se ao brotar originário da liberdade que é minha. E esse brotar é uma existência; nada tem de essência ou propriedade de um ser que fosse engendrado conjuntamente com uma idéia. Assim, a liberdade,

Não existem valores inscritos no mundo que possam apoiá-lo, nada em si mesmo pode ajudá-lo em suas decisões. Sem ter em que se apoiar, nem fora nem dentro de si, o homem, solitário e sem ter em que se agarrar, sem nenhuma lei universal que o force a agir e pensar dessa ou daquela maneira; resta-lhe apenas ser o único responsável por sua vida.

Essa falta de uma essência enquanto determinação prévia é a liberdade. A realidade humana só pode ser compreendida mediante a tal indeterminação. Afinal, a realidade humana deve ser abordada muito mais na perspectiva da negação do que pelas determinações afirmativas de seus possíveis atributos, pois o ser humano se caracteriza muito mais pela transformação do que pela estabilidade. Interessa-nos mais compreender não o que o homem é (até porque antes do processo existencial ele não é nada), mas o que ele se torna no percurso da existência. Neste sentido, pode-se afirmar que o homem não se constrói nas vias do ser, mas sim no vir-a-ser¹⁷.

sendo assimilável à minha existência, é fundamento dos fins que tentarei alcançar, seja pela vontade, seja por esforços passionais”.

¹⁷ (Cf. *L'être et l'Être Néant*, 1943, p.483) “Ainsi ma liberté est perpétuellement en question dans mon être: elle n'est pas une qualité surajoutée ou une propriété de ma nature; elle est très exactement l'étoffe de mon être; et comme mon être est en question dans mon être, je dois nécessairement posséder une certaine compréhension de la liberté”.

“A liberdade nada é senão a existência de nossa vontade ou nossas paixões, na medida em que tal existência é nadificação da facticidade, ou seja, existência de um ser que é seu ser à maneira de ter-de-ser. [...] Em todo caso, devemos lembrar que a vontade determina-se na moldura dos móveis e fins já posicionados pelo Para-si em um projeto transcendente de si mesmo rumo a seus possíveis”. (SARTRE, 1998, p.549).

Aqui é necessário esclarecermos o conceito de *possível*, porque existe uma forma de concebermos a possibilidade entendendo-a como aquilo que, embora não se dê ainda como ser determinado no presente acontecerá como determinado, pelo passado, e, no futuro. Nesta concepção, as possibilidades humanas, embora somente se realizem no futuro, são geradas no passado por fatores causais e determinantes. Diferentemente, para Sartre, essa concepção de possibilidade é incompatível com o conceito existencialista de realidade humana. Com efeito, não havendo, para a realidade humana, essência prévia à existência a qual possa se determinar enquanto existente em seus vários atributos, a possibilidade remete muito mais ao futuro do que em relação ao passado.

Todas as possibilidades originam-se e desenvolvem-se no futuro, e será no futuro que veremos se elas poderão se efetivar ou não. O que significa afirmar que somente tornar-se-ão realidades à medida que as ações humanas puderem

fazê-las reais, num processo em que se deve levar em consideração as adversidades advindas do mundo.

Assim, pode-se afirmar que a precedência do existir em relação à essência, refere-se a autoconstituição do sujeito através de suas escolhas e condutas, bem como no que tange ao seu desenvolvimento, o qual traz implícita a questão constante pelo ser desse sujeito que ainda não o é, precisamente porque será exatamente aquilo que fizer de si segundo as suas escolhas e ações.

Sob tal ótica devemos admitir que a precedência do existir enquanto experiência constituinte da realidade humana está diretamente ligada ao caráter ético.

“O homem faz-se; ele não está pronto logo de início; ele se constrói escolhendo a sua moral; e a pressão das circunstâncias é tal que ele não pode deixar de escolher uma moral. Só definimos o homem em relação a um engajamento. Parece-nos, portanto, absurdo, que nos objetem a gratuidade da escolha”. (SARTRE, 1978, p.18).

A realidade humana não possui justificações, o homem é responsável pelo mundo porque o elegeu. A cada momento compete ao homem escolher o seu Ser, lançando-se continuamente a seu possível, constituindo pouco a pouco a sua essência, através da sucessão de suas escolhas e atos, segundo a série de opções face a cada situação concreta vivenciada.

Esse processo pelo qual o homem vem a ser, a cada momento, aquilo que ele se torna, é a liberdade na medida em que o homem torna-se ou se faz aquilo que ele escolhe a partir dessa total indeterminação.

Dessa maneira, não há fundamento da liberdade assim como não existe fundamento da realidade humana. Porque se nossas ações fossem efeitos de causas anteriores, todas seriam resultados de determinações prévias e não condições de possibilidades e, conseqüentemente, os efeitos seriam meras justificações.

Sartre, ao afirmar que a existência é gratuita e injustificada quis enfatizar que todos os atos livres têm como contrapartida a total responsabilidade do agente, porque ele não tem como fugir a tal situação. Como não há causas determinantes, não existe também qualquer coisa à qual o sujeito possa atribuir justificação e responsabilidade por suas escolhas e ações. Tal solidão do sujeito traz como conseqüência ética à correspondência entre o alcance da liberdade e o peso da responsabilidade.

Sob este aspecto, não se pode negar que a concepção de liberdade de acordo com o pensamento sartreano expressa um rigor moral absoluto advindo do caráter solitário da decisão e da inexistência de critérios nos quais o sujeito possa se apoiar.

2.2- A Liberdade Como Projeto

“[...] Por outro lado, se Deus não existe, não encontramos, já prontos, valores ou ordens que possam legitimar a nossa conduta. Assim, não teremos nem atrás de nós, nem à nossa frente, no reino luminoso dos valores, nenhuma justificativa e nenhuma desculpa. Estamos sós, sem desculpas. É o que posso expressar dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si mesmo, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo o que faz”. (SARTRE, 1978, p.9).

Dentre todos os seres, o ser humano é o único responsável por dar sentido e atribuir valores a sua própria existência, somente o homem é capaz de inserir significação a tudo que o rodeia. Dessa forma, a teoria existencialista afirma que o homem não é definível, pois, inicialmente, não é nada; só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que fizer de si mesmo.

“Por outro lado, já sublinhamos que a relação entre existência e essência não é igual no homem e nas coisas do mundo. A liberdade humana precede a essência do homem e torna-a possível: a essência do ser humano acha-se em suspenso na liberdade. Logo, aquilo que chamamos liberdade não pode se diferenciar do ser da ‘realidade humana’. O homem não é primeiro para ser livre depois: não há diferença entre o ser do homem e seu ‘ser-livre’. Portanto não se trata aqui de abordar de frente questão que só pode ser tratada exaustivamente à luz da rigorosa elucidação do ser humano; precisamos enfocar a liberdade em conexão com o problema do nada e na medida estrita em que condiciona a aparição deste”. (SARTRE, 1998, p.68).

Humano.

Há uma identificação tal entre liberdade e existência que não poderíamos admitir que o sujeito pudesse renunciar à sua liberdade, pois conforme Sartre, só não somos livres para deixarmos de ser livres. Embora, frequentemente procuremos justificações que expliquem a nossa conduta a fim de isentarmos parcialmente ou completamente a responsabilidade em relação a nossos atos ou ao redor, o que seria cair em má-fé¹⁸; o rigor moral defendido pelo pensamento sartreano nos demonstra que a liberdade está tão intimamente ligada à estrutura subjetiva que seria ontologicamente impossível renunciá-la.

“Quando declaro que a liberdade, através de cada circunstância concreta, não pode ter outro objetivo senão o de querer-se a si própria, quero dizer que, se alguma vez o homem reconhecer que está estabelecendo valores, em seu desamparo, ele não poderá mais desejar outra coisa a não ser a liberdade como fundamento de todos os valores”. (SARTRE, 1978, p.19).

¹⁸ (Cf. SARTRE, 1978, p.18) “Tendo definido a situação do homem como uma escolha livre, sem desculpas e sem auxílio, consideramos que todo homem que se refugia por trás da desculpa de suas paixões, todo homem que inventa um determinismo, é um homem de má-fé. [...] E eu respondo que não tenho que julgá-lo moralmente, mas defino que a sua má-fé como um erro. Não podemos escapar aqui a um juízo de verdade. A má-fé é, evidentemente, uma mentira, pois dissimula a total liberdade do engajamento”.

Neste sentido, a responsabilidade se manifesta evidentemente na escolha. Como o homem não possui essência e não pode recorrer a nada que o determine, a cada opção ele deve inventar tanto a ação quanto o critério pelo qual a ação foi escolhida, em meio a outras que seriam, em princípio, igualmente possíveis.

Sob essa perspectiva, a angústia¹⁹ significa que o homem tem de escolher entre as diversas possibilidades existentes no mundo as quais não estão previamente demarcadas por quaisquer critérios exteriores à própria escolha, e, obviamente porque suas conseqüências são imprevisíveis. É necessário escolher porque o homem tem de ser livre e, mesmo que se deixe levar pelas circunstâncias não podemos negar o fato de que também se trata de uma escolha, bem como acatar preceitos ou valores supostamente anteriores²⁰.

¹⁹ (Cf. SARTE, 1978, p.22) “[...] Parece-me que para você, o desespero ou a angústia são mais fundamentais do que, simplesmente, a decisão do homem que se sente só e é obrigado a decidir. É uma tomada de consciência da condição humana que não acontece a todo momento. Que nós escolhamos a toda hora, é ponto pacífico, mas a angústia e o desespero não se produzem constantemente. [...] A angústia só é constante no sentido em que minha escolha original é uma escolha constante. De fato, na minha opinião, a angústia é a ausência total de justificativas e, simultaneamente, a responsabilidade perante todos.

²⁰ (Cf. O Ser e o Nada. 1998, p.550) “Todas as minhas “maneiras de ser” manifestam igualmente a liberdade, pois todas são maneiras de ser meu próprio nada”.

Isto significa que ao admitirmos que a escolha é individual, devemos levar em consideração que tal escolha envolve a humanidade, porque cada indivíduo traz singularmente a cada escolha a realidade humana no seu âmbito universal, isto é, quando um homem escolhe, escolhe para si; a cada vez que se inventa eticamente, inventa o homem e a universalidade humana não se resume simplesmente numa idéia que remete apenas a um, mas algo maior, que faz com que este homem esteja comprometido ou engajado completamente com os demais²¹.

Dessa maneira, a responsabilidade²² é fundamental no que tange ao viés ético defendido por Sartre.

²¹ (Cf. O Ser e o Nada. 1998, p.681) “Nessas condições, posto que todo acontecimento do mundo só pode revelar-se a mim como ocasião (ocasião *aproveitada, perdida, negligenciada*, etc), ou, melhor ainda, uma vez que tudo aquilo que nos ocorre pode ser considerado como uma *oportunidade*, ou seja, só pode aparecer-nos como meio para realizar este ser que está em questão em nosso ser, e uma vez que os outros, enquanto transcendências-transcendidas, tampouco são mais do que *ocasiões e oportunidades*, a responsabilidade do Para-si se estende ao mundo inteiro como mundo-povoado”.

²² (Cf. O Ser e o Nada. 1998, p.680) “Portanto, tudo se passa como se eu estivesse coagido a ser responsável. Sou *abandonado* no mundo, não no sentido de que permanecesse desamparado e passivo em um universo hostil, tal como a tábua que flutua sobre a água, mas, ao contrário, no sentido de que me deparo subitamente sozinho e sem ajuda, comprometido em um mundo pelo qual sou inteiramente responsável, sem poder, por mais que tente, livrar-me um instante sequer desta responsabilidade, pois sou responsável até mesmo pelo meu próprio desejo de livrar-me das responsabilidades; fazer-me passivo no mundo, recusar a agir sobre as coisas e sobre os Outros, é também escolher-me...”

Embora, a responsabilidade seja vivida na solidão, a escolha pela qual o homem é responsável tem um alcance que não se restringe a uma individualidade particular. A liberdade se dá na imbricação entre singularidade e universalidade o que nos evidencia a questão moral inserida no pensamento sartreano.

“Queremos a liberdade através de cada circunstância particular. E, querendo a liberdade, descobrimos que ela depende integralmente da liberdade dos outros, e que a liberdade dos outros, depende da nossa. Sem dúvida, liberdade, enquanto definição do homem, não depende de outrem, mas, logo que existe um engajamento, sou forçado a querer, simultaneamente, a minha liberdade e a dos outros; não posso ter como objetivo a minha liberdade a não ser que meu objetivo seja também a liberdade dos outros”. (SARTRE, 1978, p.19).

Escolher significa projetar-se adiante de si, como se o homem vivesse antecipadamente o engajamento na opção de um futuro, ou seja, o ser humano é antes de tudo um projeto. O existencialismo sartreano afirma que a subjetividade jamais estará constituída, pois o sujeito, que não é ser, é, entretanto, projeto de ser. Através das escolhas livres, projeta-se para ser (para-si), isto é, para realizar o seu ser (o si do para-si). É exatamente por isso que a existência sempre está em curso, na sucessão de projetos no horizonte dos quais está uma finalidade inalcançável.

2.3- O Agir Histórico: A Liberdade É Plena Responsabilidade

Quando o pensamento sartreano nos coloca o fato de que o ser humano é desejanter de um futuro e que se projeta no intuito de realizar-se plenamente como homem, o filósofo tem por objetivo estabelecer a importância do agir. Daí sua afirmativa que toda ação é intencional, isto é, visa algo que inexistente ou que não tenha sido alcançado.

“[...] O conceito de ato, com efeito, contém numerosas noções subordinadas que devemos organizar e hierarquizar; agir é modificar a figura do mundo, é dispor de meios com vistas a um fim, é produzir um complexo instrumental e organizado de tal ordem que, por uma série de encadeamentos e conexões, a modificação efetuada em um dos elos acarrete modificações em toda a série e, para finalizar, produza um resultado previsto. [...] Com efeito, convém observar, antes de tudo, que uma ação é por princípio intencional”. (SARTRE, 1998, p.536).

Dessa forma, Sartre mantém a “universalidade humana de condição”: a liberdade a qual só pode ser efetivada mediante as ações humanas²³. Se o

²³ (Cf. SARTRE, 1998, p.541-542) “[...] Se a condição fundamental do ato é a liberdade, precisamos tentar descrever a liberdade com maior precisão. Mas deparamos logo com uma séria dificuldade: descrever, comumente, é uma atividade de explicitação visando às estruturas de uma essência singular. Mas a liberdade não tem essência. Não está submetida a qualquer necessidade lógica; dela deve-se dizer o que Heidegger disse do *Dasein* em geral: “Nela, a existência precede e comanda a essência”. A liberdade faz-se ato, e geralmente alcançamo-la

homem é aquilo que ele faz, é necessário levar em consideração que suas ações encontram determinados obstáculos exteriores a sua própria atividade. Segundo Leopoldo e Silva (2005, p.12):

“[...] a realidade de cada sujeito inexistente se constitui a partir da facticidade, isto é, de um contexto de realidade objetiva, formado por fatos que o sujeito não pode escolher nem mudar. Esses fatos são muitos e variados; dizem respeito a meu físico e à constituição do meu organismo; à época e ao lugar em que venho ao mundo; à sociedade, a classe social, à família. Ao nascer, encontro um mundo histórico já constituído que não escolhi e que não posso mudar”.

Dessa forma, a situação histórica e a natureza, dentre outros aspectos não podem, em muitos casos, serem alteradas completamente. Mas, é possível ao homem agir parcialmente.

“As situações históricas variam: o homem pode nascer escravo numa sociedade pagã ou senhor feudal ou proletário. O que não muda é o fato de que para ele, é sempre necessário estar no mundo, trabalhar, conviver com os outros e ser mortal. Tais limites não são nem subjetivos nem objetivos; ou, mais exatamente, têm uma face objetiva e uma face subjetiva. São objetivos na medida em que podem ser encontrados em qualquer lugar e são sempre reconhecíveis; são subjetivos porque são vividos e não são se o homem os não viver, ou seja, se o homem não se determinar livremente na sua existência em relação a eles”. (SARTRE, 1978, p.16).

através do ato que ela organiza com os motivos, os móveis e os fins que esse ato encerra”.

Um indivíduo que nasce num contexto econômico e político capitalista, numa família operária determinada por uma situação, poderá entendê-la como uma fatalidade e/ou obstinação de um destino que inevitavelmente deverá cumprir. Mas, pode também entender as condições que compõe tal situação como o resultado de um processo histórico de caráter exploratório do homem pelo homem e, que tal situação sendo histórica e não sobrenatural, pode ser modificada²⁴.

Assim, o indivíduo em questão organizará sua vida em coerência com um projeto de continuidade ou de mudança. No primeiro caso, trata-se de um exemplo de um homem que viverá passivamente submisso às normas do sistema; já no segundo, será um homem reivindicativo, talvez um militante, ou um membro de algum partido, ou um jornalista questionador, ou um escritor engajado, enfim, alguém constantemente à procura dos meios para realizar o fim o qual considera adequado.

Podemos citar outro exemplo: na antiga cultura grega, a disseminação da mitologia visava explicar os fenômenos naturais e físicos atribuindo às forças naturais significação de âmbito divino, os

²⁴ (Cf. O Ser e o Nada. 1998, p.593) “O coeficiente de adversidade das coisas, em particular, não pode constituir um argumento contra nossa liberdade, porque é por nós, ou seja, pelo posicionamento prévio de um fim, que surge o coeficiente de adversidade”.

quais, em maioria, apresentavam-se enigmáticos para os próprios homens. Atualmente, a humanidade atribui a esses mesmos fenômenos significados e explicações plausíveis, embasados na manipulação técnica e no desenvolvimento científico. Tal constatação nos demonstra que a singular capacidade de atribuir significação e valor a tudo que o rodeia é algo próprio à realidade humana²⁵.

O contexto do mundo imerge os homens em fatos e situações que não dependem dos mesmos. Porém, tais fatos ou situações afetam os homens à medida que os representam, isto é, de acordo com as significações atribuídas por esses homens.

Sartre, através de seu pensamento filosófico, insere uma perspectiva moral a qual sugere que o homem acha-se em situação organizada, onde está completamente envolvido, e por suas escolhas compromete igualmente a humanidade inteira; não importa o que faça, é sempre inadmissível não assumir a

responsabilidade total em face de um problema²⁶.

“A conseqüência essencial de nossas observações anteriores é a de que o homem, estando condenado a ser livre, carrega nos ombros o peso do mundo inteiro; é responsável pelo mundo e por si mesmo enquanto maneira de ser”. (SARTRE, 1998, p.678).

É inegável, portanto, uma liberdade diante dos fatos, não para fazer com que fossem diferentes do que são, mas para empreender um projeto de mudá-los - ou para fazer com que permaneçam do mesmo modo. Assim, o filósofo compara a escolha moral com a elaboração de uma obra de arte, a qual nos faz atentarmos para a situação criadora que, tanto para o artista como para o homem, trata-se de um processo decisivo de criação e invenção.

“[...] Sabemos que não existem valores estéticos a priori; contudo, existem valores que se tornam visíveis, posteriormente, na própria coerência do quadro, nas relações que existem entre a vontade de criação e o resultado. Ninguém pode prever como será a pintura de amanhã; não se pode julgar a pintura a não ser que esteja feita. Qual a relação de tudo isso com a moral? Trata-se da mesma situação criadora. Nunca falamos na

²⁵ (Cf. O Ser e o Nada. 1998, p.594) “Assim, ainda que as coisas em bruto (que Heidegger denomina “existentes em bruto”) possam desde a origem limitar previamente a moldura, a técnica e os fins em relação aos quais as coisas irão manifestar-se como limites. [...]; portanto, é nossa liberdade que constitui os limites que irá encontrar depois”.

²⁶ (Cf. O Ser e o Nada, 1998, p.678) “[...] As mais atrozes situações de guerra, as piores torturas, não criam um estado de coisas inumano; não há situação inumana; é somente pelo medo, pela fuga e pelo recurso a condutas mágicas que irei determinar o inumano, mas esta decisão é humana e tenho de assumir total responsabilidade por ela. Mas, além disso, a situação é minha por ser a imagem de minha livre escolha de mim mesmo, e tudo quanto ela me representa é meu, nesse sentido de que me representa e me simboliza”.

gratuidade de uma obra de arte. Quando nos referimos a uma tela de Picasso, nunca dizemos que ela é gratuita; compreendemos perfeitamente que ele se construiu a si mesmo, tal qual é, ao mesmo tempo que pintava, que o conjunto de sua obra se incorpora à sua vida”. (SARTRE, 1978, p.18).

Tudo isso significa que a capacidade humana de representar e de significar assimila a facticidade sem anulá-la enquanto tal, mas produz, mediante a liberdade, variações segundo a intencionalidade subjetiva. Em outras palavras, a liberdade precisa de um campo de resistência do mundo, ou seja, sem obstáculos, não há liberdade. É necessário que haja algo que separe a concepção de um ato da realização concreta desse ato, apartando o projeto de seus fins.

“Trata-se de uma moral da liberdade. Se não existir contradição alguma entre essa moral e a nossa filosofia, nada mais se pode exigir. Os tipos de engajamento diferem em função das épocas. Numa época em que engajar-se era fazer a revolução, era preciso escrever o Manifesto. Numa época como a nossa, em que existem vários partidos que se dizem revolucionários, o engajamento não consiste em aderir a algum deles, mas em procurar esclarecer os conceitos, para definir com mais rigor a posição de cada um desses diversos partidos revolucionários e, simultaneamente, tentar agir sobre eles”. (SARTRE, 1978, p.23-24).

Neste sentido, o homem só é livre porque o fim a se realizar encontra-se separado do mesmo pela existência real do mundo. A liberdade humana só se faz

precisamente ao sofrer a adversidade do real e as pressões de força advindas do mundo; faz-se exatamente no esforço despendido para realizar no mundo o seu projeto; faz-se quando o homem se engaja numa situação.

Como não se trata de uma liberdade abstrata e também é completamente diferente do conceito cristão de livre-arbítrio, o conceito sartreano de liberdade encerra sempre um mínimo de ação. Em uma sociedade exploratória, somos livres para tentarmos uma reação, e, justamente porque a resistência ao nosso projeto é muito forte, fica mais coeso o fato de sermos livres, já que nenhuma pressão se mostra suficientemente capaz de extinguir aquela tentativa de reação.

Assim, a liberdade é sempre situada, Sartre disse: “não há liberdade sem situação e nem situação sem liberdade”. O que deve ser compreendido como uma relação dialética entre possibilidades e limites, isto é, o exercício da liberdade é limitado pela situação concretamente vivida; ao mesmo tempo, são esses limites que possibilitam o exercício da liberdade humana. E como a existência é processo e não uma entidade, a liberdade só existe nos termos de seu efetivo exercício, ou seja, na ação livre, diante das condições adversas contidas no

mundo, dentre elas, a liberdade dos outros sujeitos.

O homem não pode decidir *a priori* o que deve ser feito; primeiro nos efetuamos ao inventar nossas façanhas, ao criar nós mesmos nossas leis, depois quando já nos tornamos nossas ações e feitos, assim como um artista que se manifesta no conjunto de sua obra, é que podemos falar em essência. É exatamente por isso que o filósofo critica acirradamente as observações que apelam para a consideração de escolhas gratuitas, pois se o homem escolhe a sua moral e, por conseguinte, a si mesmo, jamais poderemos relacionar essa trajetória existencial de formação humana com a inação ou o quietismo.

As escolhas são históricas e feitas em situações igualmente históricas. Se toda ação histórica tem significação e finalidade fundamenta-se, então, a afirmação sartreana de que o “homem constitui a história e esta o constitui”. Leopoldo e Silva (2005, p.16) nomeia este processo de moral e diz que: “é um processo em que as escolhas se sucedem a partir da liberdade vivida”.

Assim, o indivíduo, sujeito histórico, é livre no contexto de uma situação historicamente determinada; a liberdade mantém relação dialética com as determinações porque, como movimento existencial e histórico

também é processo de libertação; e o sujeito se constitui nessa relação porque a subjetividade é processo de subjetivação. Não somos livres por essência; somos livres para ns tornarmos livres; assim como tampouco somos determinados por essência; as determinações representam o outro lado da relação dialética que se opõe à liberdade na existência histórica. Neste contexto, a liberdade aparecerá entrelaçada à questão do projeto humano, ao princípio do engajamento perante a realidade histórica que circunda o homem, bem como da plena responsabilidade do agente no âmbito da moralidade.

“Assim, não há acidentes em uma vida; uma ocorrência comum que irrompe subitamente e me carrega não provém de fora; se sou mobilizado em uma guerra, está guerra é minha guerra, é feita à minha imagem e eu a mereço. Mereço-a, primeiro, porque sempre poderia livrar-me dela pelo suicídio ou pela deserção: esses possíveis últimos são os que devem estar sempre presentes a nós quando se trata de enfrentar uma situação. Por ter deixado de livrar-me dela, eu a escolhi; pode ser por fraqueza, por covardia frente à opinião pública, por que prefiro certos valores ao valor da própria recusa de entrar na guerra (a estima de meus parentes, a honra de minha família, etc.). De qualquer modo, trata-se de uma escolha. Essa escolha será reiterada depois, continuamente, até o fim da guerra; portanto, devemos subscrever as palavras de J. Romain: Na guerra, não há vítimas inocentes”. (SARTRE, 1998, p.678-9).

Enfim, pretendemos demonstrar que através do campo literário, especialmente, na proposta de uma

literatura engajada encontraremos argumentos válidos do pensamento sartreano que invariavelmente demonstrarão a importância do processo de formação humana pela efetivação da liberdade a qual somente poderá ser fundada na plena responsabilidade humana e, sobretudo, dos conseqüentes desdobramentos no campo da moralidade.

3- A LITERATURA ENGAJADA: Uma Compreensão Ética Da Realidade Humana E Sua Efetivação Pela Práxis.

3.1-A Literatura Sartreana: Um Apelo Ao Engajamento

A compreensão do homem, da sua liberdade, da moralidade e, especificamente, a convergência destes elementos na questão do engajamento, inevitavelmente é o tema de toda a literatura sartreana. Isso significa que antes de colocar o questionamento “o que é a literatura?”, inicialmente, há uma questão anterior: “que é o homem?”.

Neste sentido, Sartre esforçou-se para compreender a condição humana e buscou romper com todo o aparato metafísico e teleológico, isto é, promoveu uma ruptura com as idéias gerais e abstratas atribuídas à realidade humana.

Desde os primeiros escritos, Sartre deixa transparecer a sua insatisfação diante das concepções e métodos

tradicionais do ambiente intelectual e social de sua época. No ensaio *Uma idéia fundamental da fenomenologia de Husserl: a intencionalidade*, podemos identificar a crítica sartreana e uma ruptura total com a “filosofia alimentar” francesa, bem como a inauguração de um novo eixo histórico-cultural: a aproximação com a filosofia alemã e a literatura americana: “Ei-nos libertados de Proust. Libertados ao mesmo tempo da “vida interior”, em vão procuraríamos [...] como uma criança que se aninha no colo, a caricias, os mimos de nossa intimidade, pois afinal de contas tudo está fora, tudo, até nós mesmos: fora, no mundo, entre os outros. Não é em sabe-se lá qual retraimento que nos descobrimos: é na estrada, na cidade, em meio à multidão, coisa entre coisas, homem entre os homens”

Nesse sentido, o estudo da obra *Que é a literatura?* investiga a concepção existencialista de homem a partir das considerações apresentadas por Sartre em sua conferência *O existencialismo é um Humanismo*, (1946); onde podemos estabelecer uma relação entre uma perspectiva antropológica e a questão literária, isto é, o engajamento do escritor.

Se o homem é um ser no mundo e faz a direção de sua própria existência, é necessário sublinhar que, para Sartre, a produção literária nos atira direto ao mundo e aos seus problemas, pois através

das palavras e segundo uma visão de mundo ela pode ser aceita ou contestada pela realidade social. O que significa que a perspectiva sartreana assume uma posição radical ao sustentar que o homem de seu tempo requer um núcleo em torno da literatura que permita um projeto existencial, isto é, a literatura é fundamental para que o homem possa assumir-se como projeto inacabado através da sua relação com o mundo e seja capaz de encontrar direção e sentido para a sua existência²⁷.

Tal afirmação pauta-se nas primeiras páginas de *Que é a literatura?*, a qual Sartre deixa-nos claro que o núcleo do engajamento está em expor a irreduzibilidade do homem diante do mundo e da história. Isto nos confirma que, para ele, a literatura comprometida só poderá ser compreendida se levarmos em consideração o conceito do projeto existencialista sartreano, pois o tema da literatura ligado ao processo de criação, escolhas e, sobretudo, de comprometimento do homem radicalizou

as noções de liberdade e, com isso, levou às últimas conseqüências a ética²⁸.

O período entre guerras deixa entrever o movimento da literatura engajada que possui representantes que tomam parte integral e diretamente do processo revolucionário e dos demais acontecimentos da época; sob esta ótica, a literatura deixa de ser um fim em si mesmo e torna-se um meio a serviço das lutas políticas e sociais. A partir da relação entre literatura e dimensão social, o escritor engajado é solicitado a se posicionar, pois a literatura tem para ele, nesse momento, um dever, é um meio a serviço de uma causa.

Pelos aspectos que dizem respeito ao comprometimento da literatura engajada com os problemas do mundo, passamos então ao projeto de fazer com que esta seja compreendida, antes de tudo, através da sua correspondência com a moralidade. Afinal, em Sartre não podemos falar em engajamento sem que toquemos em questões fundamentais

²⁷ (Cf. La Responsabilité de l'écrivain, 1946, p.07) "Dostoïevski a dit : ' Tout homme este responsable de tout devant tous'. Cette formule devient de jour en jour plus vraie. A mesure que la collectivité nationale s'intègre davantage dans la collectivité humaine, à mesure que chaque individu s'intègre davantage dans la communauté nationale on peut dire que chacun de nous devient de plus en plus responsable, de plus en plus largement responsable ».

²⁸ (Cf. La responsabilité de l'écrivain, 1946, p.11) "Nous resterons sur le terrain de l'art de la prose. Lorsque l'Allemagne a eu un gouvernement d'oppression nazi, il y avait évidemment pour les Allemands antinazis, un devoir que était de protester, de dénoncer, de résister, s'ils étaient pas. Mais, précisément, il ne leur était pas possible d'exercer leur action d'écrivain et ils protestaient ou ils dénonçaient d'autre manière : il pouvait y avoir des associations clandestines, ils pouvaient faire un acte, comme par exemple, s'ils étaient professeurs, quitter l'Université ou abandonner leur poste de doyen, au cas où un professeur juif aurait été chassé ; mais de toute façon, il ne s'agissait pas de protester par l'écriture ».

como: comprometimento, responsabilidade e liberdade e deste modo, é impossível deixarmos de estabelecer a relação entre a literatura engajada e um projeto moral.

Conforme Leopoldo e Silva (2006, p.73), “o engajamento deve ser pensado a partir de tudo que nos falta para realizar a idéia de literatura e a idéia de sociedade”. Isto é, o escritor tem de pensar no campo das possibilidades na elaboração da própria literatura e disposição da vida social. Pois, conforme Sartre, o escritor escreve para todos os homens, mas por meio da história percebemos que somente alguns têm acesso a sua obra. Entre o público real e o virtual aparece então um ponto que surgirá a idéia de universalidade abstrata. Os escritores impedidos de atingir os homens, potencialmente produtores de realidades, parecem dissimular sua liberdade. Exatamente por isso, seu engajamento fica comprometido pelo fato de não alcançar nunca inteiramente o público visado e, além disso, seus leitores serem pessoas a quem ele já não tem mais algo a dizer.

Na contramão desta universalidade abstrata é preciso impor, assim como fez Sartre, a universalidade concreta, ou seja, “a totalidade dos homens que vivem em determinada sociedade”. (SARTRE, 1999, p.117). Isto

significa que embora tal sociedade não apresente integralmente as condições para a realização deste projeto, isso não pode ser usado como desculpas para o escritor agir de má-fé e abdicar-se da necessidade de engajamento, ou seja, fugir às suas reais responsabilidades. Pelo contrário, é fundamental e necessário que o mesmo apele para a história, para os fatos, para o tema único da literatura que sempre foi o homem no mundo²⁹.

“La liberté se fait au jour le jour et concrètement dans des actions concrètes où elle est impliquée et, par conséquent, lorsque nous parlons d’un engagement de l’écrivain, d’une responsabilité de l’écrivain, il ne s’agit pas d’un engagement au nom d’une liberté abstraite; la liberté à laquelle il fait appel quand el écrit, c’est une liberté concrète qui se veut elle-même en voulant queleuqe chose de concret. C’est à une indignation concrète à popros d’un événement particulier, c’est à une volonté de changer une institution particulière qu’il fait appel”. (SARTRE, 1946, p.33).

Sob este aspecto, podemos compreender que a idéia de literatura

²⁹ (Cf, La responsabilité de l’écrivain, 1946, p.33-4) “ Pour bien comprendre ce que je viens de vous dire, il faut entrer dans quelques considérations historiques parce que, au fond, en dehors de ce que je vous ai dit tout à l’heure, c’est -à-dire que l’essence de la littérature est de maintenir la liberté, il n’y a pas de problème *a priori* de la responsabilité de l’écrivain, elle change suivant les époques. Si vous voulez, ce n’est pas seulement l’écrivain que est responsable de son défré de responsabilité, c’est aussi la société dans laquelle il se trouve. Un écrivain au XVIII siècle, au XV siècle, n’est pas responsable comme un écrivains au XX. Il y a eu une époque , que est le Moyen Âge par exemple, où, en effet, l’écrivain pouvait contemples le bien éternel ou pouvait avoir l’illusion de contempler le bien éternel ».

engajada só poderá ser realizada numa sociedade democrática e destinada à justiça, o que possibilitaria ao escritor atingir todos os homens e afetar a totalidade histórica. O que não é permitido considerarmos é tal perspectiva como uma barreira histórica ao engajamento do escritor, porque será justamente essa possibilidade de realização de uma “sociedade inteira” o motor do comprometimento do escritor com a história.

Observa-se que ao tratarmos da questão do engajamento literário parece que estamos nos referindo a uma “escolha a ser realizada” e que conciliaria um “absoluto metafísico e a relatividade do fato histórico”.(SARTRE, 1999, p.164). Isso porque Sartre entende metafísica como algo inseparável da condição humana, o que permite considerá-la, em princípio e independente do contexto, como apelo à liberdade dos homens. Convém destacar, segundo Leopoldo e Silva (2006, p.74), que a liberdade é “escolha originária, isto é, invenção simultânea do ato, do critério, do valor e da finalidade”, como “um começo radical que em cada ato define o sujeito como projeto de si mesmo”. Aqui, podemos mais uma vez perceber o comprometimento histórico que envolve a atividade do escritor, ainda mais quando este assume reafirmar continuamente sua

liberdade na história, criando valores e fins.

Portanto, a liberdade humana em Sartre sempre será absoluta e inalienável, por mais obscuro que pareça o horizonte e por mais reduzidas que sejam as possibilidades de se atuar na história, o indivíduo sempre terá escolhas a fazer. Desse modo, o escritor não pode renunciar aos apelos da história, pois assim como ele exige do leitor que este faça da obra sempre um ato, o desenrolar da história também exige do escritor que este entenda a literatura sempre como uma “narrativa” em torno das situações.

Dessa forma, o escritor tem de colocar toda a sua compreensão da realidade na obra para fazer com que o leitor constitua a realidade, isto é, possibilitar ao leitor que seu papel seja entendido como um “trabalho” sem que o resultado deste trabalho seja alienado, e se vivemos numa sociedade capitalista em que o trabalho em geral é uma atividade alienada, aqui então, “fica definida a função da literatura, que ao desenvolver a imagem da sociedade a si própria, ela negará o trabalho alienado e ao mesmo tempo afirmará a ação livre criadora do ser humano”. (LEOPOLDO E SILVA, 2004, p.219).

Podemos verificar que o pensamento sartreano é uma relação entre a filosofia e literatura; a sua preocupação

com o homem e sua atuação no mundo no âmbito político aparecem de maneira entrelaçada, sendo que uma coisa completa a outra. Dessa forma, encontramos na fundamentação do humanismo um elo com a literatura, porque o processo de livre escolha do homem que engaja toda a humanidade necessariamente desperta a responsabilidade e nos revela o homem em situação, inserido no mundo. Além de seu posicionamento filosófico misturado ao mundo há também um escritor “em presença total” cuja atividade ininterrupta e generosa se ocupou de temas vitais aos homens, a saber, a questão da liberdade concreta e da história situada. Neste sentido, a atividade literária é evidentemente uma experiência da liberdade e de libertação, uma liberdade concreta que é uma ação na história, uma forma de protesto e, sobretudo de reflexão acerca do seu tempo.

Enfim, a tarefa ética da literatura é construir a mediação necessária para que o homem tome consciência de seu tempo. Portanto, escrever é agir, pois significa comprometer-se com uma ação social concreta e prática, não se limitando apenas a uma atitude contemplativa do mundo.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa teve como eixo temático a radicalização do humanismo apresentada pela filosofia existencialista sartreana que visa à compreensão da condição humana o que impõe-nos a necessidade de se pensar sobre as noções de liberdade, responsabilidade, ação e conseqüentemente um compromisso ético-moral. Isto significa que o homem despido de qualquer determinação prévia é exclusivamente responsável por si mesmo. O homem é o único ser capaz de inventar a si mesmo, ou seja, ele decide por meio de suas escolhas o que ele será. Em outras palavras, através da liberdade ele escolhe dar sentido para a sua existência. Tais considerações acerca da condição humana levam-nos diretamente para a questão moral existente nos apontamentos da produção sartreana. Assim, inicialmente, pesquisamos sobre a concepção existencialista do homem e conseqüentemente dos primeiros apontamentos de âmbito moral presentes nas obras do filósofo.

Ao afirmar a precedência da existência em relação à essência, o filósofo estabelece a primeira máxima existencialista: “o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e só depois se define” (1973, p.12). Ele parte do princípio de que se Deus não existe é possível encontrar pelo menos um ser no

qual “a existência precede a essência”, um ser que anterior a qualquer definição religiosa exista no mundo: tal ser é o homem. Assim, afirma que não há nenhum destino ou propósito exterior, isto é, que o homem está atirado no mundo, é único, só e possuidor de plena liberdade, sem nenhuma moral transcendente, isto resulta na conseqüente responsabilidade e posicionamento ético que deve assumir.

A defesa do homem não ter ao que se apegar e da não existência divina, evidencia implicações extremadas, principalmente no que direciona o foco de nossa pesquisa que se concentra nas questões: da liberdade, da responsabilidade, das ações e nas conseqüências ético-morais.

Além disso, o artigo traz apontamentos acerca da consciência intencional, sendo esta capaz de dotar a realidade humana de um caráter relacional por meio da reflexão, do questionamento, dos juízos, dos sentimentos, entre outras coisas, isto é, a consciência é capaz de se relacionar com os objetos dispostos no mundo à sua volta e consigo mesma. Ela nada mais é que um movimento dinâmico que nos indica sua proximidade e, ao mesmo tempo, distância em relação a si mesma e ao mundo que a circunda. O que significa que uma vez, sendo o homem livre, só e

sem desculpas, isto é, destituído de essência, a liberdade deve se fazer, se criar, ou seja, a cada momento requer uma nova escolha. Podemos concluir que somos nós quem criamos valores, pois aquele que vive é quem deve construir um sentido e atribuir valores os quais serão os resultados das escolhas. O homem não é definível, pois, inicialmente, não é nada.

Essas características particularmente humanas são fundamentais para justificar a articulação entre a questão ética e a condição humana, de modo a dar ênfase à noção de liberdade, responsabilidade, ação e o desdobramento ético e suas conseqüências para a humanidade.

A preocupação sartreana é de que o homem diante de suas inúmeras escolhas assuma a responsabilidade de uma opção. Porque cada escolha carrega consigo uma responsabilidade. Em cada momento, diante de cada escolha que se faz, o homem torna-se não só responsável por si, mas envolve toda humanidade e ao escolher atua e afeta o mundo. Afinal, cada escolha posta em ação provoca mudanças não só naquele que age, mas algo ainda maior que é provocar mudanças no mundo, e, uma vez realizadas não podem ser desfeitas.

O pensamento sartreano apresenta-nos uma nova configuração do homem. Assim, é necessário enfatizar que

juntamente com tal processo há uma inovação no que se refere ao campo da moralidade. A sua principal obra *O Ser e o Nada* apresenta-nos, na última linha, a promessa de uma obra sobre a moral, algo que não aconteceu de fato. Apesar, da ausência de uma obra específica sobre a ética não nos impede de considerar e apreciar o existencialismo sartreano como uma verdadeira moral da ação.

A radicalização apresentada pelo filósofo permite-nos considerar uma moralidade articulada em torno das noções de liberdade, escolha, ação e responsabilidade. É evidente que a única coisa que define o homem é o seu ato. Ato livre por excelência, mesmo que este homem esteja sempre situado num determinado tempo e lugar, independente de um destino ou algo pré-determinado.

Sartre deixa-nos claro em sua filosofia de que o homem está completamente envolvido no processo histórico, e por suas escolhas e ações compromete igualmente a humanidade; não importa o que faça, é sempre inadmissível não assumir a responsabilidade.

Tais considerações sobre a condição humana remetem diretamente à questão literária, a análise de partes da obra "*O que é a literatura?*" demonstrou o apelo sartreano quanto à necessidade de engajamento, do escritor para consigo

mesmo, para com os leitores e, sobretudo, para com o seu tempo histórico.

Dentre os vários apontamentos de âmbito moral existentes na vasta produção sartreana, optamos pela análise da proposta do engajamento literário e de suas peculiaridades o que nos evidenciou a necessidade da compreensão do projeto humano existencial bem como do posicionamento filosófico misturado ao mundo.

Em suma, a nossa pesquisa buscou elucidar a proposta moral do pensamento sartreano, levando em consideração a questão humana tendo como ponto de partida a liberdade, o processo de formação humana, as escolhas e conseqüentemente da importância das ações, e, sobretudo, da responsabilidade, ou seja, conseguimos deslindar as bases do projeto.

5-REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS

- BEAUVOIR, S. *Por uma Moral da Ambigüidade*. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- BILEMDJAM, Sophie. *Premières leçons sur L'Existentialisme est un Humanisme de Jean-Paul Sartre*. Presses Universitaires de France, 2000.
- LEOPOLDO E SILVA. *Ética e Literatura em Sartre. Ensaio introdutórios*. UNESP, 2004.
- _____. Sartre e a ética. In: LEOPOLDO E SILVA, F.; MARCONDES FILHOS, C.; KREINZ, G. *Homenagem à Les Temps Moderns*. São Paulo: Filocom/ECA/USP, 2005. (Existo. com).
- SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo. In: SARTRE, J. P.; HEIDEGGER, M. *O existencialismo é um humanismo; A imaginação; Questão de método; Conferências e escritos filosóficos*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores).
- _____. *As palavras*. Tradução de J. Guinsburg. Difusão Européia do Livro. São Paulo, 1964.
- _____. *Esboço para uma teoria das Emoções*. Tradução de Paulo Neves. Coleção L&PM, Porto Alegre, 2006.
- _____. *Em Defesa dos Intelectuais*. Editora Ática, São Paulo, 1994.
- _____. *La responsabilité de l'écrivain*. Editions Verdier, Paris, 1946.
- _____. *L'être et le Néant- Essai d'ontologie phénoménologique*. Édition Corrigée avec index par Arlette Elkaïm-Sartre, Gallimar, 1943.
- _____. *O Ser e o Nada - Ensaio de uma ontologia fenomenológica*. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. *Que é a literatura?* Tradução Carlos F. Moises. 3ª edição. São Paulo: Ática, 1999.
- _____. *Questão de Método*. Tradução de Bento Prado Júnior. Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1972.
- _____. *Situações I - Críticas Literárias*. Tradução de Cristina Prado. São Paulo: Cosac Naify, 2005.